



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS



TAMIRES BAHIA DA SILVA

**UM ESTUDO SOBRE PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO FILME “QUE
HORAS ELA VOLTA?”**

Garanhuns – PE

2019

TAMIRES BAHIA DA SILVA

**UM ESTUDO SOBRE PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO FILME “QUE
HORAS ELA VOLTA?”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Pernambuco – Unidade
Acadêmica de Garanhuns - como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciada em
Letras – Português, Inglês e suas respectivas
Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Bezerra de Lima.

Garanhuns – PE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna Garanhuns - PE, Brasil

S586e Silva, Tamires Bahia da

Um estudo sobre preconceito linguístico no filme “que horas ela volta?” / Tamires Bahia da Silva. - 2019.

41 f., il.

Orientador(a): Rafael Bezerra de Lima.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de
Letras, Garanhuns, BR - PE, 2019.

Inclui referências

1. Identidade 2.Linguagem e línguas - Variação 3. Análise linguística
I. Lima, Rafael Bezerra de, orient II. Título.

CDD 410

TAMIRES BAHIA DA SILVA

**UM ESTUDO SOBRE PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO FILME “QUE
HORAS ELA VOLTA?”**

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Bezerra de Lima – UFRPE-UAG

(ORIENTADOR)

Prof. Me. Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque

(1º EXAMINADOR)

Prof. Me. Rosyelly de Araújo Cavalcante

(2º EXAMINADOR)

GARANHUNS – PE

2019

Aos meus amados pais, Rosa Helena e João Bahia, exemplos de determinação. Por todo amor, incentivo e força dedicados a mim, peças essenciais para esta conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu bom Deus, por o amor infinito e por ser meu alicerce em todos os momentos da minha vida. Graças dou ao Senhor por cada vitória.

Aos meus pais e aos meus dois irmãos, Heleno e Tiago, o apoio de vocês foi essencial, sempre estiveram ao meu lado quando eu mais precisei, sou grata por tudo que fizeram por mim.

A Rafael Lima, por ter aceitado me orientar, por ter olhado no meu olho na minha primeira orientação e dizer “você vai conseguir”. Por não ter desistido de mim, você é um exemplo de educador e de pessoa, não tenho palavras para lhe agradecer.

As professoras que aceitaram o convite para comporem a Banca Examinadora desse trabalho, Prof. Me. Emanuelle Albuquerque a qual serei eternamente grata pelos preciosos ensinamentos que contribuíram para a minha formação, por nos apresentar novas maneiras de ver a vida, o mundo precisa de mais pessoas como você. A Prof. Me. Rosyelly de Araújo, minha infinita gratidão, admiração e respeito.

A professora Angela Lima, que iria me orientar, mas por forças maiores não foi possível, agradeço por toda atenção e carinho que sempre teve por mim, nossas conversas me incentivaram muito.

A todos os meus professores da Unidade Acadêmica de Garanhuns, pelos valiosos ensinamentos durante a graduação.

A Dhiogo, pelo amor, paciência, incentivo e por acreditar mais em mim do que eu mesma. Essa conquista é nossa, sem seu apoio diário nada teria sido possível. Sua presença em minha vida não me deixou desamparada em momento algum.

À Ana Carolina, minha Carol, pela parceria, amizade e por todo o cuidado durante essa longa jornada. Pela troca de conhecimentos, por segurar sempre minha mão e ter as palavras certas nas horas certas, devo muito a você.

A minha querida Maria Marina, que torceu muito por mim e por ter me cobrado tanto para que eu finalizasse esse projeto. É uma honra ter você na minha vida.

Aos colegas de sala, por termos sido companheiros todo esse tempo, a muitos que fui conhecendo melhor com o passar dos anos, jamais me esquecerei de vocês. A Michael Fledson, por estar sempre comigo quando mais precisei e a Elias Junior, pois nos momentos mais difíceis estávamos juntos.

“Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar”.

Josué 1:9

RESUMO

Este trabalho busca compreender como a variante nordestina está representada no filme “Que horas ela volta?”, bem como mostrar como as variantes são empregadas nos diálogos entre as personagens que marcadamente são alvo de preconceito linguístico dentro do próprio filme. Além de analisar como a língua e suas variações estão ligadas aos aspectos sociais. Através de uma análise de cunho exploratório, descritivo e explicativo, temos a pretensão de mostrar o modo como a discriminação linguística e social acontece na produção cinematográfica, como um reflexo da realidade. Quanto ao aparato teórico nos apoiamos na Sociolinguística, nos estudos de variação e no preconceito linguístico, e nos teóricos Labov (2008), Bagno (2003, 2007), Tarallo (1986), Scherre (2009) Alkimin (2012) dentre outros. Ao analisar o referido filme, pudemos perceber que o preconceito linguístico está naturalizado em nossa sociedade e em nossa cultura, seja quando alguém de outra região não entende alguns traços em nossa fala, ou quando precisamos monitorar nossa fala em viagens para outras regiões. E mais excludente ainda é a imagem fixa, imutável do ser humano que há por trás de sua fala.

Palavras-chave: Identidade. Preconceito linguístico. Filme. Variação linguística.

ABSTRACT

This work seeks to understand how the northeastern variant is represented in the movie "Que lo seu vuelta" (Back to the Future), as well as to show how the variants are used in the dialogues between the characters that are markedly the target of linguistic prejudice within the film itself. In addition to analyzing how language and its variations are linked to social aspects. Through an exploratory, descriptive and explanatory analysis, we intend to show how linguistic and social discrimination happens in cinematographic production, as a reflection of reality. As for the theoretical apparatus we rely on Sociolinguistics, on the studies of variation and linguistic prejudice, and on the theorists Labov (2008), Bagno (2003, 2007), Tarallo (1986), Scherre (2009) Alkimin (2012) among others. In analyzing this film, we could perceive that linguistic prejudice is naturalized in our society and in our culture, whether someone from another region does not understand some traits in our speech, or when we need to monitor our speech on trips to other regions. And still more excludent is the fixed, unchanging image of the human being behind his speech.

Keywords: Identity. Linguistic prejudice. Movie. Linguistic variation.

Índice de Figuras

Figura 1. Cartaz do filme, Globo Filmes, Shutterstock/Divulgação	26
Figura 2. Val e Bárbara. Globo Filmes.	28
Figura 3. Carlos e Jéssica. garotasglamourosasbysc.com	29
Figura 4. Padrões da val. Globo Filmes	30
Figura 5. Val e Jéssica. Globo Filmes	31
Figura 6. Val e Bárbara. Globo Filmes.	35
Figura 7. Jéssica. Globo Filmes	35
Figura 8. Val. Globo Filmes	36

Sumário

1. INTRODUÇÃO	13
2. APORTE TEÓRICO	15
2.1 VARIAÇÃO	17
2.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO	19
3. O CINEMA BRASILEIRO	23
3.1 O NORDESTINO NAS TELAS: A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE	23
4. ANÁLISE DO FILME “QUE HORAS ELA VOLTA?”	26
4.1 ENREDO e PERSONAGENS	27
4.2 ANÁLISE DO FILME	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno da linguagem é composto por uma série de mitos e de preconceitos que povoam a sociedade, esses elementos trazem à tona indícios do que seria, em nosso entendimento, uma opressão social. Assim, tal como aponta Labov (2008, [1972])¹, que traz a discussão do meio social para os estudos da linguagem, há uma luta entre classes e, conseqüentemente, a dominação de uma classe sobre outras; e esse fato é característico do ser humano. Desse modo, o preconceito linguístico representa o conflito entre as classes na nossa sociedade, configurando-se como desrespeito às classes menos favorecidas, que têm suas variantes estigmatizadas.

Assim, mesmo havendo uma predominância de uma variante linguística sobre as outras, seria eminentemente necessário haver respeito e uma coexistência pacífica entre as diversas formas variáveis. A língua e a sociedade se relacionam de modo reiterável, de maneira que uma depende da outra. Desse modo, a língua é um fenômeno de natureza social, mas que tem implicações psicológicas, fisiológicas etc. (BAGNO, 2007).

Nesse cenário, nosso trabalho busca compreender, de modo geral, os modos como a variante nordestina é representada no filme “Que horas ela volta?”, isto é, como as variantes são empregadas nos diálogos entre as personagens que marcadamente são alvo de preconceito linguístico dentro do próprio filme.

Como objetivo específico, buscamos apresentar o modo como as personagens nordestinas são representadas na obra.

Desse modo, nossa pesquisa se justifica na medida em que busca compreender a diversidade linguística, social e cultural do Brasil, descrevendo e analisando personagens específicas no referido filme, no qual o dialeto é de certa forma estereotipado em comparação as outras personagens do filme, como forma de caracterizar e/ou ridicularizar as variedades não padrão utilizadas pelos nordestinos, particularmente.

Na segunda seção, esboçamos o nosso aporte teórico acerca do aspecto histórico que dá início às preocupações com a linguagem e que serviram de terreno

¹ A obra foi publicada em 1972, porém a edição que utilizaremos é a que foi publicada em 2008. Sendo assim, iremos citar ao longo do texto a edição de 2008.

para a consolidação da linguística como ciência e seus desdobramentos, que, no nosso caso, diz respeito à Sociolinguística varicionista, aos estudos de variação e ao preconceito linguístico. São esses os grandes pilares teóricos que dão sustentação ao nosso trabalho.

Na terceira seção, fazemos alguns apontamentos teóricos acerca da representação do nordestino nas telas do cinema brasileiro. Além disso, também discutimos um pouco acerca da representação nordestina e como, de certa forma, foi construída e ainda hoje povoa o imaginário de outras regiões, muitas vezes de forma caricata e preconceituosa, o que, de certo modo, é reforçado pelas produções televisivas e cinematográficas.

Por fim, na quarta e última seção, procedemos com a análise do filme “Que horas ela volta?”, abordando sobretudo o caráter social da língua e o modo como as personagens são construídas na trama, perpetuando um estereótipo do povo nordestino, como sinônimo de atraso, de pouco refino com as palavras e sempre retratado como subalternos nas produções cinematográficas.

Desse modo, não objetivamos esgotar os pressupostos teóricos, mas antes criar um gesto de análise que apresente as representações presentes no filme e o modo como ele se constrói como uma crítica social, tendo em vista que, embora seja uma obra ficcional, retrata uma triste realidade da sociedade brasileira.

2. APORTE TEÓRICO

Nesta seção, traçaremos um breve percurso histórico para situar a nossa pesquisa e a teoria à qual nos filiamos. Assim, buscamos mostrar como a problemática que cerca a língua e a linguagem não é algo tão recente, isso sempre incomodou o homem desde a antiguidade, porém com o passar dos anos este aprimorou meios com os quais poderiam explicá-la, sistematizar o seu funcionamento e para alguns a sua origem.

É no âmbito filosófico que a preocupação com a origem de muitas coisas tem início, entretanto foi a linguagem que se tornou objeto de constante reflexão. Um dos questionamentos que despertou os filósofos para uma das primeiras polêmicas no seio do pensamento grego consistia em definir se a língua era de um princípio natural do homem ou era uma convenção social. O que, de certo modo, conduz a dois pontos de vista: o primeiro pontua que, se a língua possui um caráter natural, então implica dizer que as palavras são detentoras de um sentido próprio; já o segundo afirma que, se a língua se articula por meio de convenção, então ela se estabelece a partir de decisões consensuais da sociedade e, desse modo, ela é arbitrária. É nesse contexto que surgem as primeiras preocupações com relação à linguagem, principalmente na sua modalidade escrita.

É nesse sentido que Platão, em sua obra *O Crátilo*, polemiza essa questão por meio de um diálogo que discute o princípio natural da linguagem ou convenção da língua. Já para Aristóteles, não havia uma relação objetiva entre as palavras e as coisas, mas uma relação subjetiva. Assim em sua obra *Da interpretação*, Aristóteles traz três aspectos que relacionam as palavras e as coisas: primeiro os signos escritos representam os falados; segundo, os signos falados representam impressões na alma; e o último, as impressões são as aparências das coisas reais. No entanto, os autores que o sucederam, como, por exemplo, os estóicos, acrescentaram um termo entre impressão e a fala que é o conceito (grego *lektón*; latim *dicibile*). Então os homens podem receber as mesmas impressões, mas são os conceitos formados a partir das impressões que diferem, e são eles que são representados na fala. (WEEDWOOD, 2002).

Na idade média, os estudos sobre a linguagem partiam do pressuposto de que a língua tem origem divina, e concebiam as estruturas linguísticas como sendo

universal, fato que tornava as regras gramaticais um sistema lógico e independente das línguas naturais. Ao fim desse período, o interesse pela linguagem como uma dádiva divina deu lugar aos estudos pautados na lógica e na razão. Com o iluminismo e, em seguida, o renascimento, o interesse dos estudos científicos e filosóficos se voltaram para o homem no mundo. A Gramática de Port-Royal se torna a referência nos estudos linguísticos, concebendo a linguagem articulada na razão e no pensamento humanístico, assumindo um caráter universal e de modelo para as gramáticas de outras línguas. O século XIX recebe as influências racionalistas da Gramática de Port-Royal e direciona os interesses linguísticos para estudo das línguas vivas assim como também na comparação com outras línguas. (WEEDWOOD, 2002).

No século XX, a Linguística se torna ciência graças aos postulados de Saussure com a definição de um objeto de estudo, a saber, a língua, a qual ele coloca em oposição à linguagem e à fala. O corte saussuriano parte de uma análise voltada para a perspectiva formal, compreendendo a língua como sistema de relações lógicas. O sistema, tal como ele compreendeu, é composto por signos arbitrários e que possuem valores representacionais dentro da estrutura linguística. Configurando-se, desse modo, como uma estrutura que é passível de classificação e de descrição em fragmentos mínimos que compõem um todo. Esses elementos se articulam e se organizam a partir de princípios distributivos e associativos, os quais podem ser encontrados em todas as línguas naturais.

Saussure (2009) estabelece uma analogia entre a língua e o jogo de xadrez: assim como as peças vão adquirindo novos valores a cada lance no jogo em decorrência das posições que vão assumindo frente às demais, também, na língua, cada mudança tem reflexo sobre todo o sistema linguístico. O tabuleiro com as peças é usado como metáfora para a língua como sistema de signos.

A partir da década de 60, nos Estados Unidos, a visão formal da língua ganha destaque, com Noam Chomsky, em sua obra *Estruturas Sintáticas* (1957) e a corrente denominada gerativismo, segundo a qual a língua é concebida como um sistema de princípios universais², além disso, também, é vista como o conhecimento

² Segundo Chomsky (1957), o gerativismo os princípios universais são um conjunto de elementos que são comuns no ordenamento de uma língua.

mental que um falante tem de sua língua a partir do estado inicial³ da faculdade da linguagem, ou seja, a competência⁴. O que interessa ao gerativista, a grosso modo, é o sistema abstrato de regras de formação de sentenças gramaticais. É nesse cenário que desponta a sociolinguística varicionista a partir dos anos 60, tendo como um dos principais nomes William Labov.

O ponto fundamental na abordagem proposta por Labov é a presença do componente social na análise linguística. Com efeito, a Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade, e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala. Assim, ao eleger como objeto de estudo a estrutura e a evolução linguística, Labov (2008) rompe com a relação estabelecida por Saussure entre estrutura e sincronia de um lado e história evolutiva e diacronia de outro, aproximando igualmente a sincronia e a diacronia às noções de estrutura e funcionamento da língua.

Dessa forma, podemos perceber que a sociedade é constituída por muitos grupos sociais que são marcados pela diversidade em vários aspectos: cultural, religioso e socioeconômico, por exemplo. Esse fenômeno de diversidade está presente na língua. Tendo em vista que a língua é um mecanismo usado na interação entre os indivíduos e a sociedade e isso ocorre de forma heterogênea. É isso que veremos no tópico a seguir, no qual trataremos da variação.

2.1 VARIAÇÃO

Na perspectiva laboviana, a variação ocorre devido ao caráter heterogêneo das línguas, de modo geral. Entretanto, as variações são passíveis de serem sistematizadas. Assim, para Coelho (2010, p. 23) “uma evidência de que a heterogeneidade é organizada ou sistematizada é o fato de os indivíduos de uma comunidade se entenderem, se comunicarem, apesar das variações ou diversidades linguísticas”.

Então, para Labov (2008), mesmo que a princípio se possa pensar que heterogeneidade implica ausência de regras, a língua é dotada de heterogeneidade

³ Para Chomsky (1957), a linguagem é uma faculdade inata do ser humano.

⁴ A competência, no gerativismo, é a capacidade natural que temos em ordenar e desenvolver aspectos linguísticos.

estruturada, portanto há regras, sim. Só que, enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, ou obrigatórias, ou invariantes, assim a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis.

Um exemplo de regra que (até que se prove o contrário) é categórica no português é a da colocação do artigo em relação ao nome que ele determina – o artigo sempre aparece antes do nome; assim, dizemos *a casa*, mas nunca *casa a*. Desse modo, os estudos acerca da variação linguística têm permitido o avanço nas discussões do funcionamento das línguas de modo geral. Ao trabalharmos essa perspectiva em nossa pesquisa, acreditamos que a fala dos nordestinos é costumeiramente caricata, seja em situações de interação face a face, nos meios de comunicação, nas redes sociais, ou, em nosso caso, uma produção cinematográfica.

Nesse cenário, é importante pontuar que a língua não é constituída de sistema de signos ideologicamente neutros. Pelo contrário, ela se instaura como um veículo de informações e de representações ideológicas e, mais que isso, ela é, em si e propriamente, ideologia. Toda atividade social é construída mediante um discurso e, para isso, há de se considerar a linguagem como fator relevante para a formação dos valores sociais. Para Bagno, “a língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita” (2007, p.36).

No estudo da língua, é importante considerar os fatores externos a ela, tendo em vista que a produção de sentidos tem estreitas relações com o modo de recepção dos enunciadores, os quais produzem reflexões acerca dos enunciados, bem como suas ressignificações. Um bom exemplo disso é a questão da variação da língua portuguesa, podemos perceber que esta pode ser utilizada como elemento de exclusão de grupos sociais, como determinação política, e também como posição ideológica. Nesse sentido Bagno, em seu texto *A Norma Oculta: língua & poder na sociedade* (2003), discute alguns elementos implícitos que perpassam o uso do termo “língua culta”, que se refere ao conjunto de padrões linguísticos em diversas instituições e lugares de fala, estabelecendo uma pressuposição de que se há uma “cultura” há uma que não é, portanto, há uma determinação de como se fala e uma marcação desses falantes que interagem utilizando variações dessa norma “cultura”.

Desse modo, o trabalho político e ideológico permeia as práticas comunicativas uma vez que “de todos os instrumentos de controle e coerção social, a linguagem talvez seja o mais sutil” (BAGNO, 2003, p.16). Assim a língua portuguesa, no que diz respeito ao seu uso, é vista através da dicotomia culto/inculto, que caracteriza e classifica os seus falantes.

Para Bagno, “as pesquisas linguísticas empreendidas no Brasil têm mostrado que o fator social de maior impacto sobre a variação linguística é o grau de escolarização, que em nosso país está muito ligado ao status socioeconômico” (2007, p.44). Sendo assim, o autor expõe a existência de uma língua que é usada pelos falantes que não estão no círculo dessa “cultura culta”. Isso devido ao fato de que eles têm pouca escolarização e uma posição social menos prestigiada.

Bagno (2007) declara:

A norma padrão é um produto cultural, uma “língua” artificial, por assim dizer. A gente não pode deixar de reconhecer que ela existe – ainda que somente no nível do discurso, da ideologia –, faz parte da vida social, e tem que ser levada em conta sempre em toda investigação sobre língua e sociedade. (p.39)

A partir de uma situação concreta, ou seja, da interação entre os usuários da língua, e comunicativa do falante, é o próprio falante que se manifesta nos perfis linguísticos existentes na sociedade. Sendo assim, as variações linguísticas denotam, na verdade, a variedade de pessoas no contexto social. Essas pessoas desempenham também inúmeros papéis dentro da sociedade. A língua, na verdade, fornece pistas sobre a identidade da pessoa na representação desses papéis, podendo variar conforme o grau de formalidade e também de estilo.

Nesse sentido, como o aspecto social está atrelado ao fenômeno da língua, um outro elemento soma-se a este, o preconceito linguístico. E é sobre ele que discorreremos a seguir, situando-o teoricamente em nosso trabalho.

2.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Advindas do ambiente escolar, algumas colocações acerca da língua como elemento imóvel, fixo e estático, naturalizam-se e são tomadas como verdadeiras. A partir delas, internalizamos os conceitos de certo e errado no que diz respeito ao

aprendizado da norma culta do português brasileiro. O certo diz respeito à apropriação do vocabulário culto institucionalizado pela escola, já o que se denomina errado diz respeito ao conhecimento linguístico utilizado pela comunidade da qual o sujeito faz parte. Porém, de acordo como Bagno (2007, p.117), a língua não é fixa ou estanque, pelo contrário ela “está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição, em permanente transformação”.

Desse modo, a língua deve ser entendida como uma união de variedades, tendo em vista que o princípio de homogeneidade da língua é uma ilusão elitista que tem em relação ao português brasileiro. A esse respeito, Bagno (2007) esclarece que:

[...] é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização, etc. (p.15).

Assim sendo, é importante observar que os vários fatores que de certo modo podem influenciar nas variações de uma língua, como, por exemplo, a faixa etária do sujeito, sua localização geográfica, o grau de instrução e etc. podem ser elementos importantes para o desenvolvimento de estudos que tenham como pauta as variações de uma língua.

Nessa perspectiva, por estar no ambiente escolar atrelada à gramática tradicional, a língua, na sua modalidade padrão, é instituída como a maneira “correta” de escrever e de falar. Já as variedades são tidas como as que precisam de correção. Num posicionamento contrário a esse tipo de prática, Camacho (2011) aponta que,

Todas as línguas e dialetos (variedades de uma língua) são igualmente complexas e eficientes para o exercício de todas as funções a que se destinam e nenhuma língua ou variedade dialetal é inerentemente inferior a outra similar sua. (p.36)

Corroborando esse posicionamento, Bagno (2007) pontua que a sociedade brasileira, historicamente, habituou-se a privilegiar um determinado grupo de falantes, estabelecendo juízo de valor do português “bem” e “mau” falado. A variação proporciona à língua um movimento de evolução e, sob esse aspecto, Bagno (2007) insiste ainda que “toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela

inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades” (p.47).

Tendo em vista esse movimento da língua devido aos processos de variação, o preconceito linguístico se instaura a partir de sujeitos falantes que internalizam a norma culta como a modalidade “correta” da língua portuguesa e a outros fatores, como já apontamos.

Para Tarallo (1986), ao estudarmos a relação entre língua e sociedade enquanto uso em uma comunidade ou em um dado grupo de fala, deparamos com a variação linguística, podendo esta ser de nível fonológico, morfossintático e semântico, podendo ser conjugados os dados gramaticais de uma língua aos fatores sociais, pragmáticos e estilísticos da cultura de um dado grupo

O preconceito linguístico, para Scherre (2009, p.4), “é o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala”. Esse tipo de preconceito atinge membros de grupos desprestigiados socialmente, em muitas vezes da zona rural do interior. Para Alkimin (2012), “a intolerância linguística é um dos comportamentos sociais mais facilmente observáveis, seja na mídia, nas relações sociais cotidianas, nos espaços institucionais etc” (p. 44).

Entretanto, é importante apontar que a norma padrão não é puramente utilizada em nenhuma das regiões do Brasil, ao menos na língua falada. Nesta perspectiva, o sujeito que realiza o preconceito, parte de concepções estereotipadas que são de outras ordens e não, necessariamente, por causa da fala, apenas.

Nesse sentido, os estudos desenvolvidos por Medeiros (2006), os quais apontam o preconceito ligado a questões sociais, bem como os aspectos econômicos atrelados à supremacia de determinados sotaques. Desse modo, a fala dos mais desprestigiados, assim como eles, também é vítima de preconceito. À vista disso, a problemática não estaria apenas na fala, mas em aspectos externos a ela, como aspectos geográficos, por exemplo.

Desta maneira, os falantes urbanos ficam situados entre os dois polos, rural e urbano. Trata-se de indivíduos:

migrantes da zona rural, que conservam muitos de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semi-rurais, que estão

submetidos à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária.” (BORTORNI-RICARDO, 2004, p. 52).

Na próxima seção, abordaremos a representação da identidade nordestina por meio do cinema brasileiro, que muitas vezes estigmatiza o nordestino e o torna símbolo do atraso social, com problemas em dominar a língua culta.

3. O CINEMA BRASILEIRO

Nesta seção, vamos abordar alguns aspectos acerca do cinema brasileiro que colaboraram para a criação da identidade do nordestino no cinema e, de certo modo, naturalizam essa imagem na sociedade, associando-o sempre ao que não sabe ler e escrever e por isso não sabe falar de acordo com a norma padrão, isso na visão que boa parte do país tem em relação ao povo nordestino.

O século XX passou por uma série de mudanças que desencadearam alterações em paradigmas sociais, culturais e econômicos (BAUMAN, 2008). É importante pontuar que esse é o período de consolidação do cinema, principalmente com os avanços tecnológicos, que permitiram a propagação de imagens. Assim estamos imersos a costumes e hábitos que são propagados e que são, de certa forma, naturalizados pelo cinema e por outras mídias. Desse modo, para Santos e Costa (S/D, p.03):

A forma mais rápida e fácil de conhecermos um país é através dos meios de comunicação. Documentários, telejornais, telenovelas e filmes são as principais formas de disseminação das imagens, que nos permitem ter um breve conhecimento do distante.

Isso posto, ainda de acordo com autores, “o cinema, assim como a televisão, é um grande propagador de concepções sobre grupos étnicos e nações, agindo como agente socializador”. Nesse sentido, as imagens presentes nas produções do cinema brasileiro criam um efeito de (re)produção da realidade.

Desse modo, as produções cinematográficas como mecanismos de comunicação, que difundem a imagem e a cultura brasileira, de certo modo, a identidade nacional. Para Costa e Santos (2008, p. 02) “os filmes produzem sentidos sobre as nações, constroem identidades. Assim, imagens e representações sobre o Brasil são constituídas através das cenas que os filmes exportam.”

3.1 O NORDESTINO NAS TELAS: A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

A imagem do homem do Nordeste remonta ao período denominado romantismo. Essa imagem perpassa a literatura, visando um distanciamento do

homem europeu, numa busca por uma representação de um homem brasileiro. É através dos escritos literários que os estudos antropológicos começam a ser desenvolvidos. Nesse sentido, a produção literária se tornou a responsável para a construção da representação da identidade do nordestino que se naturalizou em outras produções artísticas, como a cinematográfica, por exemplo.

Desse modo, as obras literárias, anteriormente produzidas, retratavam o Nordeste com um olhar distante, estigmatizador e preconceituoso. Embora os diversos meios de comunicação mostrem que a realidade do Nordeste é diferente daquela que era retratada nos livros, a identidade criada a partir dessas obras é a que permanece sendo a que ainda é divulgada e veiculada nas produções midiáticas.

Assim sendo, ao ter essa representação legitimada socialmente, elementos como a linguagem, questões socioeconômicas, a cultura e outros, colocam o sujeito nordestino em uma limitação social, tendo sua imagem sempre atrelada à pobreza, às condições precárias, à limitação vocabular e ao desconhecimento da norma padrão da língua. Para os estudos acerca da identidade, Hall (2005) aponta as múltiplas identidades e concebe um sujeito descentrado.

Hall (2005), ao desenvolver a sua tese de descentramento do sujeito pós-moderno, recorre aos pressupostos linguísticos desenvolvidos por Saussure e pontua que “falar uma língua significa ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais” (HALL, 2005, p.40). Nesse sentido, a língua é um fio condutor que permite a propagação de uma cultura, uma vez que é através dela que os sujeitos interagem e se fazem entender, as variações presentes nos modos de realização da língua pelos falantes colaboram para a formação das identidades.

Ainda a esse respeito, Hall (2005) aponta a língua como um aspecto essencial para a construção da identidade⁵ do sujeito pós-moderno. Sendo assim, o sujeito falante ao enunciar um conjunto de palavras evoca ecos de sentidos anteriores e que culturalmente mantem os seus significados circulando.

⁵ Para Hall (2005), velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.

O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos o menor controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis. (HALL, 2005, p.41).

Cria-se uma relação entre identidade social, língua e variante estigmatizada para o povo nordestino a partir do chamado êxodo rural. Levando em consideração o fato de a maior parte desses imigrantes não ter qualificação profissional, gerou-se a ideia de que os nordestinos só servem para realizar trabalhos braçais, e não intelectuais. Sua forma de falar, sua forma de pensar e seus hábitos são generalizados como se fossem características de toda região Nordeste, tida como um lugar atrasado econômica e culturalmente, onde a paisagem seria totalmente composta por cactos, terra rachada e caveiras de animais mortos. Essa imagem foi reforçada pela literatura e pelo cinema de temática nordestina, nos quais, constantemente, associava-se a região à seca, ao coronelismo, ao fanatismo religioso e ao cangaço.

Esboçaremos essas questões nas análises que trazemos a seguir. O peso social presente na língua, nas representações que se fazem do povo nordestino, o qual sempre ocupa um papel de empregados de patrões ricos e que dominam a língua padrão em uma variante privilegiada.

4. ANÁLISE DO FILME “QUE HORAS ELA VOLTA?”

A presente pesquisa busca apresentar uma amostra de como a identidade nordestina é estereotipada e o preconceito linguístico vivenciado por inúmeros nordestinos estão representados na fala de personagens do referido filme. Dessa forma, com uma análise de cunho exploratório, descritivo e explicativo, temos a pretensão de mostrar o modo como a discriminação linguística e social acontece na produção cinematográfica, como um reflexo da realidade.

O filme brasileiro “Que horas ela volta?” (2015), escrito e dirigido por Anna Muylaert, retrata a luta contra a miséria e a ascensão do pobre para a classe média, bem como a discussão sobre classe social e direitos trabalhistas. Pertencente ao gênero drama, o filme aborda os conflitos que acontecem entre uma empregada doméstica do Brasil e seus patrões de classe alta, criticando as desigualdades da sociedade brasileira.



FIGURA 1. CARTAZ DO FILME, GLOBO FILMES, SHUTTERSTOCK/DIVULGAÇÃO

A estreia mundial do filme aconteceu no início de 2015, no *Sundance Film Festival*, em Utah nos Estados Unidos. O longa-metragem brasileiro estreou nos

cinemas de sete países europeus, antes de chegar ao Brasil em 27 de agosto de 2015⁶.

Em setembro de 2015, o filme foi o escolhido pelo Ministério da Cultura⁷ entre 8 longas-metragens brasileiros, para representar o Brasil na disputa pelo Oscar de melhor filme estrangeiro da edição de 2016. Sendo apenas indicado, não recebeu o prêmio.

Em dezembro de 2015, foi eleito um dos cinco melhores filmes estrangeiros do ano pela organização norte-americana, *National Board of Review*. No mesmo mês, foi eleito o melhor filme do ano e entrou na lista dos 100 melhores filmes brasileiros segundo a Associação Brasileira de Críticos de Cinema⁸.

4.1 ENREDO e PERSONAGENS

A trama trata da pernambucana Val, interpretada por Regina Casé, que se mudou para São Paulo com o intuito de proporcionar melhores condições de vida para a filha, Jéssica. Anos depois, a garota lhe telefona, dizendo que quer ir para a cidade prestar vestibular. Os chefes de Val recebem a menina de braços abertos, porém o seu comportamento complica as relações na casa⁹.

A personagem Val é caracterizada pela fala (variante) não prestigiada, de origem pernambucana, da cidade de Recife, devido às condições de trabalho ela se muda para São Paulo, para oferecer melhor qualidade de vida para sua filha que ficou em Pernambuco. Val, como empregada doméstica, se afeiçoa ao filho dos patrões, cuidando dele como se fosse seu filho. Isso mostra que o dia a dia de Val vai muito além das suas devidas funções de empregada doméstica. Além disso, uma das características da personagem é a servidão que ela apresenta, e o modo como ela se sente inferior em relação aos seus patrões, embora muitas vezes ela tenha a impressão de que é parte da família. Fato que muda com a chegada da sua filha na casa de seus patrões, e é por causa dela que esse cenário muda e Val percebe como, de fato, é a sua relação com os patrões.

⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/Que_Horas_Ela_Volta%3F

⁷ https://pt.wikipedia.org/wiki/Que_Horas_Ela_Volta%3F

⁸ https://pt.wikipedia.org/wiki/Que_Horas_Ela_Volta%3F

⁹ <https://filmow.com/que-horas-ela-volta-t104058/ficha-tecnica/>

Já Bárbara (Karine Teles) é a personagem que ocupa uma posição social elevada e logo sua fala é prestigiada. É estilista, em toda a trama se constrói como autoritária, e nunca dá ouvidos aos comentários da Val. Além disso, não é presente o suficiente na vida do filho, por isso ele sempre troca confidências com Val.



FIGURA 2. VAL E BÁRBARA. GLOBO FILMES

Na figura 2, podemos perceber o modo como ocorre a relação entre a patroa Bárbara e sua empregada Val. As posições dos corpos marcam a subserviência de uma e a posição autoritária da outra. Desse modo, podemos perceber em um recorte do filme em que a personagem Val está numa posição de subserviência, haja vista sua condição de doméstica, enquanto que a personagem Bárbara assume uma posição de comando.

Do mesmo modo, a personagem Carlos (Lourenço Mutarelli), marido de Bárbara, ocupa uma posição privilegiada socialmente e linguisticamente. A respeito dessa posição privilegiada, entendemos que certas regiões se auto intitulam superiores as outras, inclusive no aspecto linguístico, pois acreditam falar de maneira considerada de mais prestígio em relação a outras variantes. Além disso, o aspecto econômico também é determinante no que diz respeito à formação linguística. Entretanto, apesar de que haja um refino na fala, a variação linguística também ocorre. A posição de valor de variação sobre a outra reside na esfera social. Tarallo (1986, p.14) afirma que “a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de manter as diferenças sociais no seio de uma comunidade”. Essa

personagem é herdeiro de uma grande fortuna. Tem sérios problemas no casamento com Bárbara. E com a chegada da filha de Val, Jéssica, vê uma oportunidade de ter uma aventura. Esse cenário retrata um fato sério na vida das domésticas que diz respeito aos abusos, embora isso não ocorra na trama, mas há momentos em que o patrão assedia a filha da empregada. Como podemos ver na figura 3, a forma como Carlos olha para Jéssica demonstra como ele desenvolveu uma admiração por ela seguida de uma inesperada e arriscada paixão.



FIGURA 3. CARLOS E JÉSSICA. GAROTASGLAMOUROSASBYSC.COM

Essa cena acontece quando Carlos convida Jéssica para visitar o seu ateliê, onde há inúmeros quadros pintados por Carlos. Vejamos o seguinte diálogo:

[Jéssica] referindo-se a um dos quadros – Esse é muito lindo

[Carlos] – É lindo?

[Jéssica] – Demais! Dá uma dó ficar aqui guardado, tem que pôr numa parede. Né não?

[Carlos] – Põe na sua.

[Jéssica] – Imagina!

[Carlos] – Sério, sério. Você gostou?

[Jéssica] – Desse daqui?

[Carlos] – É!

[Jéssica] – É lindo demais esse.

[Carlos] – Então é presente

[Jéssica] – Pra mim?

[Carlos] – É!

[Jéssica] – Apaixonei nesse aqui

[Carlos] – É? Apaixonou?

Jéssica em seguida muda de assunto.

Fabinho (Michel Joelsas) é filho do casal. Sempre estudou em caros colégios particulares, possui maneira de falar prestigiada assim como seus pais, como já mencionamos anteriormente. Não trabalha, apenas estuda e, na trama, vai prestar vestibular para arquitetura na FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.



FIGURA 4. PATRÕES DA VAL. GLOBO FILMES

Na figura 4, a representação da família rica em um dos momentos de refeição. Nesse trecho do filme, podemos perceber como é a relação entre os membros da família, todos com celulares, ausentes de diálogos. E isso é de certo modo uma problemática presente em todo o filme, que tece, inevitavelmente, uma crítica social.

A personagem Jéssica (Camila Márdila) é mãe solteira e assim como sua mãe, Val, tem uma fala desprestigiada e isso é bem marcado na trama. Esse prestígio e desprestígio da fala ocorre na esfera social da linguagem. A ida da personagem para São Paulo tem como objetivo prestar vestibular na FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Com uma personalidade forte e cheia de questionamentos, ela se coloca contra ao modo como Val é tratada pelos patrões.



FIGURA 5. VAL E JÉSSICA. GLOBO FILMES

Na imagem acima, mãe e filha vindas da mesma região, preservam traços regionais, mas com atitudes diferentes diante do cenário social em que Val está inserida, tendo em vista que Val era empregada doméstica e a Jéssica futura ingressante em uma universidade.

Diferentemente de Val, Jéssica não se sente inferior aos patrões da sua mãe, essa questão torna-se nítida no decorrer de todo o filme, porém, vejamos o seguinte diálogo entre mãe e filha:

[Jéssica] indignada – Sinceramente, Val, não sei como é que tu aguenta, visse?

[Val] furiosa – Como é que aguento o quê?

[Jéssica] – Ser tratada desse jeito, que nem uma cidadã de segunda classe. Isso aqui é pior do que a Índia.

[Val] – Não vem com essas conversa difícil, negócio de Índia não, que tu é é metida, isso que tu é.

[Jéssica] – Isso tudo é muito escroto, isso sim.

[Val] – Oooia o palavrão, que eu não gosto de palavrão. Ruum! Tu é que se acha, tu se acha melhor que todo mundo, tu é superior a todo mundo.

[Jéssica] – Eu não me acho melhor não, Val, eu só não me acho pior. Entendesse? É diferente.

[Val] – Tu ainda vai conseguir fazer eu perder esse emprego.

Assim elas seguem a discussão, Jéssica comenta que Val não é sua mãe pelo fato de não ter convivido com ela, mas Val insiste que arcou com todas as despesas de Jéssica, pois era ela quem depositava o dinheiro para os familiares cuidarem da sua filha no nordeste. O diálogo visto apresenta inúmeras marcas que caracterizam a maneira de falar e conseqüentemente compõe a caracterização das personagens. Como por exemplo, o uso do “visse”, “entendesse”, expressões que são na maioria das vezes usadas por falantes nordestinos.

4.2 ANÁLISE DO FILME

Como vimos no tópico anterior, na descrição da personagem, Val é a típica personagem nordestina que sai de seu lugar de origem e chega a São Paulo em busca de emprego e uma melhor qualidade de vida para si mesma e para sua família, reforçando a imagem de nordestino migrante descrita por Albuquerque Jr. (2007):

É este afluxo de uma população de maioria negra, que constitui, durante a década de 20, sessenta por cento dos migrantes que chega a São Paulo e que vai encontrar uma província onde a população se branqueava rapidamente com a imigração europeia (...) que irá fazer com que estes migrantes sejam marcados pelo estereótipo do baiano. Isto é o que motiva que, daí em diante, todos os migrantes vindos do Norte, e depois do Nordeste, sejam chamados pejorativamente de baianos, que remete a uma população negra, pobre, dedicada às atividades mais desvalorizadas do mercado de trabalho [...] (p. 97-98)

Assim, vinda do interior de Pernambuco, vai trabalhar na casa de uma família rica, como empregada doméstica, corroborando o que diz Freire (2013), quando afirma que, na maior parte das produções cinematográficas e televisivas, os nordestinos compõem os papéis de ocupações subalternas e socialmente desvalorizadas, ligadas, sobretudo, ao trabalho manual e precarizado. É nítido que além de Val, os outros empregados da casa possuem uma fala desprestigiada em relação aos seus patrões que ocupam um padrão socioeconômico oposto deles. E esse desprestígio diz respeito à valorização de uma variação em relação as outras, pois, naturalizou-se a ilusão de que as variantes dos falantes que residem na região sul e sudeste são “melhores”, mais próximas do português “correto”, o que na realidade é um equívoco, já que essa valorização é apenas de ordem social.

Por essa razão, tanto para Tarallo (1986), quanto para Labov (2008), em suas pesquisas sobre variação ou a mudança linguística, ocorre não por fatores propriamente linguísticos, mas, também, por fatores não linguísticos, ou seja, a idade, classe social, sexo/gênero feminino e masculino, tempo e espaço geográfico, escolaridade, etnia, religião, fatores que influenciavam, sobretudo, os elementos linguísticos da língua.

A fala das personagens Val e Jéssica reforçam a imagem construída em nossa sociedade de que os nordestinos sejam em filmes ou em novelas utilizam o mesmo sotaque. Assim, para

Construir personagens nordestinos sempre com sotaques carregados, com papéis de baixo prestígio e utilizando uma variedade linguística muito distante da padrão é generalizar e negar a diversidade que há em uma região tão ampla como o nordeste; é caminhar para o preconceito cultural, social e linguístico; é menosprezar um povo simplesmente por sua região de origem. (PORFÍRIO, 2017, p. 36)

Desse modo, o Nordeste é retratado como um sotaque hegemônico, e não como uma região com uma heterogeneidade de modos de fala. Como podemos observar em um dos diálogos do filme que extraímos para analisar, vejamos:

[Carlos] – Já conhecia São Paulo?
 [Jéssica] – Não, só de foto, internet, dos filmes.
 [Fabinho] aos risos – Ela fala que nem a Val, né?
 [Carlos] – Muito parecido.

Após o jantar, os patrões de Val pedem para conhecer Jéssica (filha de Val), no momento em que Jéssica começa a falar, Fabinho (filho dos patrões) ri do sotaque pernambucano de Jéssica e comenta que ela fala igual a Val. Segundo Bagno (2007), o falar nordestino retratado nas produções cinematográficas e televisivas brasileiras está, na maioria de vezes, ligado a uma personagem atrasada, criada para provocar o riso das demais personagens e do público em geral.

Após esse comentário, os pais de Fabinho também riem. Val também dá uma gargalhada, porém Jéssica parece não ter achado tão engraçado assim. E segue,

[Bárbara] – Sua mãe disse que você veio fazer vestibular. É isso?
 [Jéssica] – É!
 [Bárbara] – Pra quê que tu vai fazer?
 [Jéssica] – Arquitetura.
 [Bárbara] – Arquitetura???
 [Fabinho] – Na FAU???
 [Jéssica] – É, na FAU.
 [Val] – Que é. Dona Bárbara? Qual o problema?
 [Fabinho] – Não, é que a FAU é uma das faculdades mais difíceis de entrar.

E assim eles seguem questionando Jéssica sobre o porquê da escolha e sobre o ensino que ela teve no interior e veem como impossível ela conseguir passar no vestibular. As personagens Bárbara, Carlos e Fabinho não escondem a

surpresa ao saberem que Jéssica vai prestar vestibular para Arquitetura (USP), assim como Fabinho.

Desse modo, no âmbito dessa visão social de língua, é importante enfatizar os sentimentos dos falantes no que concerne à sua língua e às outras variações, e como o falante vê o outro a partir da variedade que este utiliza. Segundo Jesus (2006), o conjunto de atitudes linguísticas é responsável por estereótipos e preconceitos que são produzidos com relação às línguas e aos seus falantes. Sendo assim, a língua representa um conjunto estruturado das vivências da comunidade de fala. A língua e a sociedade se inter-relacionam de forma tão categórica que uma não existe sem a outra, são indissociáveis. Desse modo, a língua é um fenômeno de natureza social, mas que tem implicações psicológicas, fisiológicas etc. (BAGNO, 2007).

Nenhuma língua se apresenta como entidade homogênea, todas são retratadas por uma união de variedades. A ideia de homogeneidade da língua é um dos muitos mitos que existem com relação ao português brasileiro. Com relação a este mito, Bagno (2007) afirma que isso “é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se fosse, de fato, a língua comum”.

Desse modo, para o autor é importante que se considere vários fatores que influenciam de maneira direta às variações de uma língua. Um adolescente não vai se comunicar da mesma maneira que um adulto, assim como um indivíduo que nasceu e cresceu no Sul do país não falará igual a alguém que sempre viveu no Norte. Alguém com um grau superior de ensino, certamente, também não se expressará de igual modo a quem tem apenas o nível básico. Fatores como estes são extremamente importantes para que se estude, entenda e explique as variações de uma língua.

Dessa maneira, é possível apreender o modo como o aspecto social pode ser visto como determinista da condição de um sujeito, embora o filme se configure como uma crítica social, podemos perceber numa visão elitizada, que pelo fato de Jéssica ser do interior do Nordeste ela não teria a menor chance de passar em um vestibular em uma universidade de São Paulo. Tendo em vista que ela não possui a fala privilegiada.

No dia do aniversário de Bárbara, Val a presenteia com um conjunto porta café, Bárbara finge que gostou e, para não usar, imediatamente fala para Val que vai guardar e usará o presente em uma ocasião especial. No período da noite, durante a comemoração do aniversário, Bárbara pede para que Val sirva café, Val aproveita a situação e, para servir os convidados, usa o conjunto que havia presenteado Bárbara pela manhã. Porém Bárbara não gosta da situação e imediatamente leva Val de volta à cozinha, repudiando a sua atitude de servir café usando o seu presente na festa. Vejamos no diálogo representado na imagem a seguir:



FIGURA 6. VAL E BÁRBARA. GLOBO FILMES

[Val] em tom de espanto – Que foi, dona Bárbara?

[Bárbara] furiosa – Val, pelo amor de Deus, essa não, né? De onde você tirou isso? Eu falei que essa daqui a gente vai levar para o Guarujá, aqui você pega aquela de madeira branca, aquela que eu trouxe da Suécia, pelo amor de Deus, tá?

[Val] – Mas a senhora falou que era pra uma ocasião especial?!

[Bárbara] virando as costas – Tá, tá bom!



FIGURA 7. JÉSSICA. GLOBO FILMES

Mesmo trabalhando há anos na casa, Val nunca havia entrado na piscina e logo de início orientou Jéssica para recusar o convite caso a chamassem para participar do momento de lazer, pois convidavam apenas por educação. Porém, como podemos ver na figura 7, Jéssica não considerou a suposta ordem de Val o bastante e acabou mergulhando na piscina, após insistência de Fabinho que diferentemente de Bárbara e Val naquela ocasião não via motivos para tratar Jéssica de maneira diferente por ela ser filha da empregada doméstica. Além de Jéssica demonstrar a todo tempo que acredita que o tratamento entre as pessoas não deve se limitar a sua condição social. Bárbara ficou furiosa com a situação, tomando a decisão de secar a piscina, alegando que havia visto ratos, comparando Jéssica ao animal. Torna-se possível compreender durante o filme a forte presença tanto do preconceito linguístico quanto do social. Vejamos o dialogo a seguir entre Jéssica e Fabinho:

[Jéssica] – Mandaram esvaziar a piscina, foi?

[Fabinho] – É, minha mãe disse que viu um rato aqui, sei lá, perigoso, né? A gente pode pegar doença.

[Jéssica] suspira e sorrir ironicamente – Tá bom! Tu acha que eu sou um rato?

[Fabinho] – O quê??



FIGURA 8. VAL. GLOBO FILMES

Val entra na piscina e telefona para Jéssica. Vejamos a seguinte fala de Val:

[Val] extremamente feliz – Jéssica?! Fia?! Oi, é mainha. Eu tô ligando pra dar boa noite, eu tô ligando pra dar boa noite. Pra dizer que eu tô muito orgulhosa de tu. Agora advinha onde é que eu tô?! Ó, tá ouvindo, ó? Tô dentro da piscina. É, eu tô. Eu tô muito feliz, visse? Um cheiro, ói... mainha lhe ama. Um cheiro.

Como mencionado anteriormente, a piscina da casa era território proibido para Val, porém ao tomar a decisão de pedir demissão do emprego, podemos ver

na figura 8 que Val aproveita e entra na piscina mesmo com pouquíssima água. Essa cena transparece a sensação de ser livre que Val só adquiriu após a chegada de Jéssica, pois ela ainda não havia visto o mundo de outra maneira, tendo em vista que Jéssica prova de todas as formas que não há preconceito no mundo que supere a vontade de vencer. Jéssica conseguiu passar no vestibular mesmo com todas as dificuldades e Fabinho com tantos privilégios não conseguiu. Além das inúmeras situações que fizeram com que Val repensasse sobre a forma que estava vivendo, o resultado do vestibular foi o ápice, pois foi a comprovação do que Jéssica defendia a todo momento, que elas não eram inferiores a ninguém.

Para Tarallo (1986, p.62) “é somente através da correlação entre fatores linguísticos e não-linguísticos que você chegará ao conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída”. Nessa perspectiva, é possível depreender que os elementos que circundam as condições de fala, colaboram para a estruturação e circulação das variantes linguísticas. Compreender esse movimento da língua, é vê-la em movimento, viva.

Sendo assim, situando o preconceito linguístico num âmbito de preconceito social, Medeiros (2006) vê a questão da hegemonia dos sotaques como puramente econômica. Ela supõe que, se o grande polo econômico do Brasil fosse o Nordeste, então o sotaque nordestino seria o padrão para todo o país. Bagno (2007) vai mais além. Ele afirma que o preconceito linguístico avança na mesma proporção do preconceito social, sendo apenas mais uma de suas vertentes. Dessa forma, a variante falada pelos mais desprestigiados sofre o mesmo preconceito social que eles, os falantes. O problema não estaria na fala em si, mas sim no falante e na região geográfica de onde ele vem, sendo comum se julgar erradas ou inferiores as variedades linguísticas de menor prestígio. Sobre este aspecto, Albuquerque Jr. (2007) afirma:

O preconceito contra a origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior. (p.11).

Nesse contexto, aliado ao preconceito geográfico, o preconceito linguístico se apresenta como uma poderosa arma de inferiorização e depreciação do outro, estereotipando idiomas, dialetos e sotaques. Leva-se a sério um dos maiores mitos existentes a respeito do português falado no Brasil, o mito de que este teria certa homogeneidade. Essa afirmação, torna-se mito a partir do momento em que é confrontada com o fato de que as porções indígenas, africanas portuguesas (e de outras partes do mundo das quais o português brasileiro sofre influência) não foram distribuídas de maneira uniforme por todas as regiões. A crença nesse mito de uma unidade na língua é um dos fatores principais para a origem desse tipo de preconceito no país.

Sendo assim, aprende-se desde cedo a julgar certo ou errado a maneira característica de falar de cada estado, quando, na verdade, trata-se de variedade linguística. Bagno (2007) afirma ainda que toda variedade linguística atende às necessidades da sua comunidade de fala, pois essa variedade é resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares. Desse modo, quando se trata de variações linguísticas, não cabe o julgamento de qual é a “melhor”, “mais pura”, “mais bonita” ou “mais correta”. Para o linguista, qualquer avaliação dessa natureza não passa de preconceito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No filme *Que horas ela volta?*, o nordeste é representado como uma das várias culturas existentes no território brasileiro, percebido pelo contraste de sua realização em relação à outra, presente no filme, o paulistano, ambas ancoradas em aspectos regionais. Percebemos que a linguagem é de grande importância para a construção desses perfis, demonstra a complexidade que é viver em uma sociedade repleta de preconceitos em relação à própria língua, a qual, a depender de como é realizada, posiciona-se e é percebida de maneira particular. E essa realidade resulta em consequências representacionais, como bem ilustrou o filme em questão.

É importante pontuar que essa produção cinematográfica assim como outras produções televisivas como novelas, por exemplo, deve sempre ser objeto de uma reflexão crítica, pois tem a capacidade de legitimar estereótipos e propagar visões deturpadas da realidade, e que foram construídas ao longo dos séculos com a colonização. Sendo então necessário repensar as representações sociais do nordestino inseridas nas produções cinematográficas e televisivas. Tendo em vista que estamos em uma sociedade que possui características pós-modernas, não devemos perpetuar uma representação como sendo a única possível, pois as identidades são flutuantes, fragmentadas e muito menos atribuir a elas um juízo de valor depreciativo.

Por fim, é perceptível que o preconceito linguístico está naturalizado em nossa sociedade e em nossa cultura, seja quando alguém de outra região não entende alguns traços em nossa fala, ou quando precisamos monitorar nossa fala em viagens para outras regiões. E mais excludente ainda é a imagem fixa, imutável do ser humano que há por trás de sua fala.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Volume 1. 9ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012, p. 23-50.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a Sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Norma culta e variedades linguísticas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11.
- CHOMSKY, N. **Estruturas Sintáticas**. São Paulo: Martins Fontes, 1967.
- COELHO, Izete. **Sociolinguística**. Florianópolis : LLV/CCE/ UFSC, 2010.
- FREIRE, A. **O nordestino na Globo: novos personagens, velhos estereótipos**. Carta Potiguar (2013). Disponível em: <http://www.cartapotiguar.com.br/2013/04/11/o-nordestino-na-globo-novos-personagens-velhos-estereotipos/>. Acesso em: 16 de novembro 2018.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- JESUS, E. T. **O Nordeste na mídia e os estereótipos linguísticos: estudo do imperativo na novela Senhora do Destino**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2006.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- MEDEIROS, Ana Lúcia. **Sotaques na TV**. São Paulo: Annablume, 2006.
- MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- PORFÍRIO, Caroline Wanderley. **Preconceito linguístico e estereotipagem do nordestino: Uma análise de personagens da teledramaturgia brasileira**. Trabalho de conclusão de curso. UAG/UFRPE. 2017.

SANTOS, Robson Souza dos; COSTA, Felipe da. **Cinema Brasileiro e Identidade Nacional**: análise dos primeiros anos do século XXI. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-robson-cinema2.pdf>. Acessado em: 10 de março de 2018.

_____. **Imagens do Brasil**: O Cinema Brasileiro e a Construção da Identidade Nacional. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Guarapuava – 29 a 31 de maio de 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0231-1.pdf>. Acessado em: 22 de março de 2018.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Cultrix. São Paulo, 2009.

SCHERRE, Marta. **O preconceito linguístico deveria ser crime**. 2009. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI110515-17774,00-O+PRECONCEITO+LINGUISTICO+DEVERIA+SER+CRIME.html>>. Acessado em: 20 de março de 2018.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ed. Ática S.A., 1986.

WEEDWOOD, Bárbara. **História Concisa da Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.